



EMPRESAS. HÁ 200 NEGÓCIOS COM MAIS DE 100 ANOS EM PORTUGAL

COMO SOBREVIVE UMA MARCA CENTENÁRIA

Passaram por guerras, incêndios e invasões, algumas mudaram de sócios e de nome, outras viram o responsável por servir o chá chegar a presidente. Histórias que envolvem vinhos, sabonetes e um estrangeiro que chegou ao País num navio de bacalhau. Por **Juliana Nogueira Santos**

O número 77 da Rua Nova do Almada, em Lisboa, acolheu em 1785 a primeira residência da Casa Batalha, a única marca de bijuteria portuguesa até meados do século XX. Era aí que as lisboetas iam à procura dos colares e brincos mais vistosos, das contas mais singulares e até de missangas e lantejoulas para aplicarem em tecidos. "Todas as mulheres que queriam bijuteria iam à Casa Batalha, principalmente as de classe média alta. Até as miúdas compravam missangas para fazerem os seus próprios acessórios", recorda à **SÁBADO** Miguel Esteves, tetraneto do fundador.

Porém, a história da marca começa bem antes de esta ter um espaço físico na cidade, mais precisamente 150 anos antes. Em 1635, João Cipriano Rodrigues Batalha, um comerciante de Almada, cruzou o rio Tejo para ir para Lisboa vender contas, fundando aquela que viria a ser uma das marcas portuguesas mais antigas. Miguel, como é óbvio, não tem recordações do tetravô, mas lembra-se de a loja ser um ponto de encontro, "onde a família e os amigos se juntavam", conta o arquiteto, agora com 66 anos.

Ao rio Douro chegaria uns anos mais tarde Job Bearsley, um britâni-



RICARDO MEIRELES

co que detinha um hotel e um restaurante em Londres e que comprava muito vinho da zona para consumo dos seus clientes. A curiosidade em saber de onde vinha este produto e a vontade de querer passar a comprá-lo diretamente aos produtores fez com que, em 1692, estabelecesse a sua empresa de exportação, aquela que, mais tarde, viria a chamar-se Taylor's.

Embora não seja a casa de Vinho do Porto mais antiga do País, a Taylor's

Francisco Neto é o primeiro gestor da Claus Porto que não faz parte da família fundadora



A gama

para homens Musgo Real surgiu na década de 30 do século XX. É, ainda hoje, uma das mais populares da Claus Porto

A GARLAND NUNCA TEVE UM PORTUGUÊS NA LIDERANÇA. APENAS GESTORES BRITÂNICOS

foi a primeira exportadora a comprar uma propriedade no Douro, aproximando os processos de produção e distribuição em nome da qualidade. "Uns anos depois de criado o negócio, o filho do fundador pensou que a melhor maneira de manter a alta qualidade do Vinho do Porto era ser dono de uma quinta", conta Adrian Bridge, atual gestor da empresa. Dois séculos depois da sua fundação surge o primeiro problema de sucessão: o tetraneto de Bearsley morre sem deixar descendência. Joseph Taylor, empregado dos escritórios de Londres, passa a sócio, ficando depois - ninguém se lembra exatamente como - a controlar todo o negócio. É aí que a empresa ganha o seu apelido.

Vinho no top da antiguidade

As casas de Vinho do Porto são as que registam uma vida mais longa no tecido empresarial português. No entanto, há cerca de 200 empresas centenárias em Portugal. E como é que sobrevivem? Adrian Bridge defende o seu caso, dando o mote para os restantes: "As empresas sobrevivem quando os produtos são de qualidade e se torna fácil atrair consumidores. Mas, principalmente, quando têm uma



Um vendedor da Claus Porto posa à porta de um distribuidor da marca, que abriu a primeira loja em 2016

Dinheiro

grande capacidade de adaptação, pensando sempre em grandes inovações." Foi assim com o Late Bottled Vintage (LBV), um novo tipo de Porto criado pela sua empresa, que é engarrafado mais tarde (envelhece vários anos em madeira), pode ser bebido assim que vai para a garrafa e não precisa de ser decantado.

O ADN dos estrangeiros

Há ainda outros territórios portugueses onde os britânicos se aventuraram, uns porque quiseram, outros por acaso. A história de Thomas Garland encaixa-se na segunda categoria: entrou em Portugal quando o navio de transporte de bacalhau fresco em que seguia foi obrigado a atracar devido a uma tempestade. "Quando chegou, percebi que o País tinha potencialidades e decidi começar a enviar para cá navios com bacalhau da Terra Nova, que voltavam depois com sal de Setúbal. E assim nasceu a Garland", relata à SÁBADO Bruce Dawson, *chairman* da empresa de transportes e logística.

Dawson foi o quarto da sua família a ocupar um lugar de gestão na empresa, tendo em 2016 passado para um cargo não executivo, por escolha própria. O mandato da sua família começou com o seu bisavô, que fugiu da escola em Inglaterra e chegou clandestinamente a Portugal. "Veio ilegal num barco de carga e saiu na primeira paragem, ao fim de três dias de viagem. Já devia ter fome. Quando atracou em Lisboa viu uma empresa com nome inglês e foi lá pedir emprego", acrescenta o bisneto. Foi então aceite como *tea boy*, o responsável por, diariamente, preparar o chá ao presidente da empresa.

E como é que um *tea boy* passa a presidente? "O senhor Garland, quando descobriu que ele tinha fugido da escola, disse que só o manteria como seu empregado se terminasse o ensino. Voltou a Inglaterra, terminou a escola e passou a ser o seu braço-direito", justifica Bruce. A partir daí passa também a ser sócio da empresa, que ficará, anos depois, a gerir so-



1 Carregamento de pipas de vinho Taylor's no cais de Vila Nova de Gaia

2 Adrian Bridge lidera um dos negócios com mais peso nestas marcas: o do Vinho do Porto

3 A renovada Casa Batalha continua a oferecer bijuteria e acessórios para mulher

4 A Casa Batalha antes do incêndio do Chiado



zinho. Tal como acontece com a Taylor's, a empresa de logística nunca teve um presidente português.

Já no século XIX, Ferdinand Claus e George Schweder, dois alemães a viver em Portugal, decidem abrir a primeira fábrica nacional de perfumes e sabonetes. Herdando os apelidos dos seus fundadores, a Claus & Schweder estabeleceu-se na Avenida de França, mesmo no centro da ci-

dade do Porto. No entanto, a Primeira Guerra Mundial apanha-os no lado errado da barricada, sendo obrigados a fugir de Portugal. Achilles de Brito, o seu contabilista, considera o negócio bom demais para ser abandonado e compra-a, juntando-a à sociedade que fundara com o seu irmão, Afonso de Brito, e dando-lhe o nome de Ach Brito. No entanto, conserva a sua identidade particular, com produtos de gama mais alta e mais atenção ao detalhe. Do destino dos dois alemães, nada mais se vem a saber.

A empresa esteve nas mãos da família Brito até 2015, altura em que Aquiles de Brito, bisneto do fundador, quis deixar entrar sangue novo através de um aumento de capital. "Tomei a decisão numa altura em que a empresa estava bem de saúde e hoje voltaria a tomá-la", aponta o herdeiro à SÁBADO. O presidente é hoje Francisco Neto, responsável pela abertura, em 2016, das primeiras lojas da agora

Croft

É a casa de Vinho do Porto mais antiga do País (1588) e pertence ao mesmo grupo que a Taylor's

DEPOIS DO INCÊNDIO, OS HERDEIROS DA CASA BATALHA AFIRMARAM: "O NOSSO NOME É BATALHA E A BATALHA É PARA A FRENTE"

Empresas antigas geram mais emprego

Há cerca de 200 companhias centenárias em Portugal

As empresas nacionais com mais de cem anos geram mais de 13.500 empregos e um volume de negócios de quase três milhões de euros, diz um estudo da Informa D&B.

O mesmo estudo mostra que 90% destas empresas atuam em cinco setores: o das indústrias transformadoras, o do retalho, o grossista, o dos serviços e o imobiliário.

As maduras, ou seja, as empresas com mais de vinte anos, apresentam um volume de negócios de 2,4 milhões de euros, sendo que a maioria está instalada na região de Lisboa.



RAQUEL WEIBE



Catarina Ribeiro

A gestora do grupo Lanidor é agora também responsável pela Casa Batalha, que está a tentar atrair as clientes mais jovens

tropas francesas entraram pelo País adentro. "Foi um problema bastante grande, como o são todos os exércitos", define, com o seu humor britânico, Adrian Bridge. "Conseguimos proteger os vinhos porque convidámos um presidente americano."

Do lado da Garland, Dawson recorda uma altura muito difícil em que estava ao leme da empresa: o Estado Novo. "Na ditadura o negócio comercial esteve muito parado por causa das políticas protecionistas. Na altura também vendíamos cofres e sistemas de segurança, mas não havia crime nenhum, por isso não tinham saída", aponta o gestor. Os seus negócios centrais também não beneficiaram nada com a revolução. "Tivemos de começar outra atividade. Fizemos transporte de mobílias durante dois ou três anos porque estava toda a gente a fugir de Portugal. Deu para ultrapassar a crise."



1848

A Garland foi autorizada pelo Governo português a imprimir notas bancárias, um negócio agora nacionalizado

Francisco Neto garante que durante a ditadura o negócio não encontrou qualquer contrariedade, uma vez que os portugueses compravam exclusivamente o que era português. O problema foi quando isso deixou de acontecer. "Nos anos 80 e 90 os clientes afastaram-se do que era português e feito à mão", conta o gestor.

Ainda assim, o golpe mais forte foi desferido sobre a Casa Batalha, em 1988. O edifício onde se situava a loja da Rua Nova do Almada foi um dos 18 que ficaram completamente destruídos com o incêndio do Chiado. "Na altura era a minha mãe, Maria Dominguez Batalha, que geria a empresa. Foi um dia muito triste, perdemos os documentos todos que tínhamos e quase todo o espólio centenário", narra Miguel Esteves. A marca conseguiu erguer-se, apostando depois em lojas em centros comerciais. No entanto, as contas não melhoraram com a mudança de estratégia, o que obrigou à entrada de alguém de fora da família. O grupo Lanidor comprou a maioria do capital em 2008, enquanto a família ficou com 45%. "Depois do incêndio o meu tio disse-nos: 'O nosso nome é Batalha e a batalha é para a frente'", conclui Miguel.

Claus Porto (que antes tinha os seus produtos em lojas de distribuidores), e pelo processo de internacionalização, nomeadamente com a abertura da primeira loja em Nova Iorque. "Se Achilles de Brito passasse na Elizabeth Street iria reconhecer a sua loja, mesmo que não estivesse identificada", diz, com orgulho, Francisco.

Napoleão, Salazar e os anos 90

Apesar de formalmente não serem as empresas nacionais mais antigas ainda em operação, uma vez que a maioria delas trocou de mãos ou sofreu alguma alteração entretanto (o que as fez perder o título), a Casa Batalha, a Taylor's, a Garland e a Claus Porto estão entre as mais de 200 marcas centenárias do País. E mantiveram-se tal como os seus fundadores as imaginaram há alguns séculos, independentemente das ameaças. Para a Garland, o maior risco veio

de França, no princípio do século XIX. "Quando Napoleão invadiu Portugal, a empresa teve de fechar. Durante um ano não teve qualquer atividade", explica Bruce Dawson. Já a Taylor's não fechou, mas o seu presidente teve de fugir quando as



Para além dos mares

Depois de se ter firmado como uma empresa de navegação, a Garland alargou o negócio aos transportes terrestres, à logística e até à gestão imobiliária

A CLAUS PORTO ABRIU AS PRIMEIRAS LOJAS EM 2016, CHEGANDO UM ANO DEPOIS A NOVA IORQUE



**Dinheiro**

São as que existem há mais tempo no País, a recordista com 383 anos. Em metade do *top dez* o negócio é comum: produzir e vender vinho do Porto. O que é que Napoleão tem que ver com isso? Tem de ler